

PERFORMATIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DO HUMOR EM PIADAS EM LIBRAS¹

Arlene Batista da Silva (UFES)²

Resumo: Este trabalho visa a investigar os elementos que produzem o efeito cômico em piadas produzidas por surdos. Trata-se de uma pesquisa documental, cuja fonte principal são registros audiovisuais. Toma como pressupostos teóricos os Estudos Culturais, a partir do pensamento de Stuart Hall (1997) e os estudos sobre a performance (ZUMTHOR, 2000), entre outros. Ancorado nesses estudos, pretende-se descrever e analisar a atuação do tradutor/intérprete em vídeos e piadas disponíveis no site da TV INES, a fim de compreender os elementos linguístico-discursivos, culturais e performáticos que produzem um efeito cômico responsável pela construção do humor nessas narrativas.

Palavras-chave: Piadas; Cultura surda; Performance.

Considerações Iniciais

De acordo com Marta Morgado (2011), as manifestações artístico-literárias dos surdos sempre estiveram presentes nas associações, escolas e eventos organizados por esse grupo social, porém não havia uma preocupação com o registro dessas produções, já que não possuíam valor enquanto objeto cultural.

No Brasil, a literatura em língua de sinais começa a ganhar notoriedade a partir de 2005, por meio do Decreto 5.626 que determina, dentre outras ações, a formação em nível superior de educadores bilíngues e intérpretes de Libras. Desse modo, não só a Libras ganha visibilidade no cenário nacional, mas também seus usuários e a cultura produzida por eles, materializada por meio de vídeos sinalizados que circulam na internet, especialmente na Plataforma *Youtube*.

A partir de 2010, começam a surgir no país pesquisas acadêmicas (em nível de Mestrado e Doutorado) que se dedicam à literatura produzida por surdos. Um exemplo foi a tese de doutorado de Carolina Hessel Silveira intitulada “Literatura surda: análise da circulação de piadas clássicas em língua de sinais (2015), na qual a autora investigou as piadas produzidas por surdos, concebidas como objeto estético de valor artístico-literário de um grupo social que começa a ganhar visibilidade no contexto

¹ Este trabalho integra um conjunto de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos em Língua de Sinais, Interpretação e Tradução (LISIT), com a participação da graduanda Renata Cristina Alves do Carmo Jantorno, do Curso Letras-Libras Bacharelado, sob orientação da prof. Dra. Arlene Batista da Silva.

² Professora de Pós-Graduação em Letras (UFES). Professora do Curso Letras-Libras Bacharelado. Contato: arleneincrivel@gmail.com.

contemporâneo. O objetivo central da tese foi conhecer quais as representações e características da cultura surda são dadas a ver em piadas que circulam em espaços frequentados por surdos. Silveira (2015) analisou 14 piadas, com base nos seguintes critérios: apresentar personagens surdos ou temáticas relacionadas à cultura surda; ser uma produção audiovisual em Libras, apresentar variações da mesma narrativa e ser tradicionalmente conhecida pela comunidade surda.

A partir das análises, Silveira (2015) verificou que as piadas surdas se assemelham às piadas de ouvintes nos seguintes aspectos: a) trata-se de narrativas curtas; b) são marcadas pelo exagero; c) possuem um final inesperado e d) por vezes, abordam temas tabus como escatologia, sexo, etc.. Contudo, há alguns elementos que particularizam essas piadas: a) o surdo é o protagonista que ora leva vantagem ora é prejudicado por ser surdo; b) a experiência visual é exaltada em detrimento de problemas auditivos; c) ênfase na expressão facial e corporal; d) oscilação entre movimentos lentos e rápidos e d) incorporação dos personagens e das ações dos mesmos.

Silveira (2015) revela, ainda, que as piadas analisadas possuem uma forte relação com as experiências sociais e culturais que constituem as identidades surdas. Para entender o teor cômico das piadas, é preciso conhecimento profundo de Libras e vivência na comunidade surda. Assim, entendemos que o humor nessas narrativas torna-se uma chave para a compreensão da cultura desses sujeitos, pois, enquanto objeto de linguagem. A propósito desse assunto, ancoramo-nos em Stuart Hall para quem “A linguagem é o meio privilegiado através do qual damos sentido às coisas, através do qual o significado é produzido e através do qual há seu intercâmbio. Os significados só podem ser partilhados através de um acesso comum à linguagem” (HALL, 1997, p.1).

Nesse sentido, rir das piadas em Libras, em tese, significa partilhar de uma cultura comum, uma forma de demonstrar conhecimentos sobre assuntos próprios daquele grupo social. Podemos inferir, portanto, que o humor abre um espaço público que permite a discussão constante de ideias acerca da política, do comportamento e das relações sociais entre surdos e ouvintes, entre surdos e surdos, etc..

À luz dessas considerações, este estudo pretende investigar os elementos que produzem o efeito cômico em piadas produzidas por surdos. Ancorando-se nos pressupostos da pesquisa documental, foi selecionada a piada “Chapeuzinho

Vermelho”, presente no site da TV INES³, no programa “Piadas em Libras”, em 2013. Assim, pretende-se descrever e analisar a atuação do tradutor/intérprete surdo, a fim de compreender os elementos discursivos, culturais e performáticos que produzem um efeito cômico responsável pela construção do humor nessa narrativa.

Literatura e humor em Língua de Sinais

No artigo “Literatura das Línguas Gestuais”, Marta Morgado (2011) afirma que o humor em língua de sinais possui características muito semelhantes, independente do país. Para ela, para ser um bom contador de histórias de humor,

para além de ser surdo e de possuir a identidade surda, tem necessariamente de ser fluente em língua gestual”. Além de fundamentalmente ter talento artístico e dramático, exprimir com desenvoltura o movimento e as expressões, faciais e corporais; ser criativo; e ser observador concluir autora (MORGADO, 2011, p. 56).

Para conferir mais qualidade às piadas e ganhar a adesão do público, a autora enfatiza que humoristas precisam estudar os movimentos dos personagens que pretendem imitar, não se preocupando somente com as falas, mas se concentrando nos movimentos corporais e nas suas expressões faciais.

Tendo em vista as considerações de Morgado (2011), entendemos que a produção de piadas em Libras guarda forte relação com a atuação performática, pois a utilização dos gestos, dos movimentos, a forma de incorporar os personagens e suas ações, a forma de se expressar, tudo isso contribui no sentido de configurar a mensagem a ser transmitida por meio de cenas constituintes de significantes sociais que interconectam humor-denúncia x humor-exaltação da cultura surda.

Concebida como arte performática, as piadas em Libras se aproximam da literatura oral tal como eram transmitidas nas sociedades arcaicas. De acordo com Paul Zumthor (1997), pesquisador da literatura oral, vários componentes participavam da declamação de poesias na Idade Média. Além da voz, o gestual, a interação com o público, o local e as regras de apresentação também compõem a poesia oral. Fazendo um contraponto, “claro, isto pode ser dito também, de uma certa forma, da poesia escrita; mas, tratando-se da oralidade, o conjunto desses termos refere-se a uma função

³ http://tvines.org.br/?page_id=123.

global, que não se saberia decompor em finalidades diversas, concorrentes ou sucessivas” (ZUMTHOR, 1997, p. 156).

Acerca da performance produzida por surdos, cabe destacar que em vez da voz, o corpo funciona como lugar de materialização de um saber, de uma memória social, transmitidas por meio de práticas de sujeição, resistência e, por vezes, ausência de cidadania presentes na vida cotidiana desses sujeitos.

Portanto, seguindo os princípios de Zumthor (1997), a literatura oral (e, igualmente a literatura sinalizada) não se resume a ausência da escrita, mas se constitui por meio de um conjunto de elementos visuais e circunstanciais que dão vida à (in)corporação de práticas culturais do mundo real.

À luz do resgate bibliográfico aqui apresentado acerca da literatura surda, humor e performance, na próxima seção analisaremos uma piada disponível no site da TV INES⁴.

Baseado nos pressupostos da pesquisa documental, nesta investigação, foram empregadas técnicas de análise de conteúdo temático-categorial, o que nos permitiu conhecer as manifestações performáticas na produção da contação da história de humor em língua de sinais.

Para Diana Rose (2008), o processo de transformação do material audiovisual em texto escrito é uma translação, quer dizer, uma tradução do material, a qual, normalmente, toma forma de uma simplificação.

De acordo com as técnicas de pesquisa aqui explicadas, ao detalhar os vídeos selecionados, pretendemos identificar elementos (tais como: encenação e performance; expressões não manuais e expressões faciais; cenários presentes nos vídeos; uso constante de metáforas e hipérbole) enquanto categorias de análises importantes, expostas nos vídeos selecionados, a fim de compreender quais são utilizadas na produção do humor surdo.

Piada em Libras: Chapeuzinho Vermelho

O vídeo remonta uma curiosa historinha lúdica, trazendo à baila a proposta de

⁴ A TV INES foi criada em 2013, numa parceria entre o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e a TV INES. O site é produzido em formato bilíngue, com legendas e locução em português, para que surdos e ouvintes possam acessar os conteúdos ali veiculados.

uma mistura de paródia com pastiche, na qual “Chapeuzinho vermelho” vai pela estrada sozinha, até que encontra o “Lobo”. Ele não consegue se comunicar com ela, pois a “a garota” é surda, e só usa língua de sinais. Então com um plano maquiavélico, o lobo decide ir até a casa da vovó, a qual tem uma grande surpresa, ao se deparar com uma associação de vovós surdas.



Imagem 1 – Print screen do vídeo Chapeuzinho Vermelho
Fonte: TV INES

Esse vídeo publicizado em 1 de julho de 2013, no site da TV INES, na página de Piadas em Libras, apresenta 00:04:57 de duração. Ele conta a história de três personagens: um ouvinte e duas surdas.

Em relação ao cenário, a contação desta história é iniciada em um ambiente ao ar livre, uma espécie de parque, onde três amigos conversam em um piquenique, até que chega o quarto amigo e começa a contar a história da Chapeuzinho Vermelho. Logo o ambiente é transferido para um cenário de Estúdio, que remete às lembranças da história, a qual o plano de fundo vai mudando, de acordo com o desenvolvimento da história. Por fim, os personagens retornam ao parque, onde os amigos finalizam a história.

Em relação aos personagens, de início são quatro: Áulio Nóbrega, Heveraldo Ferreira, Renato Nunes e Aline L'Astorina. Áulio Nóbrega, após uma breve apresentação, inicia a contação da história em um cenário, já vestido com o figurino

de dois personagens: o Lobo e a Chapeuzinho Vermelho, os quais são interpretados pelo mesmo ator: Áulio Nóbrega.



Imagem 2 – Print screen de cenas do vídeo Chapeuzinho Vermelho
Fonte: TV INES.

A seguir identificaremos em algumas cenas a presença de elementos que marcam a produção do humor surdo.

Já no desenvolvimento inicial da primeira cena (Imagem 3), notamos o uso do mesmo recurso presente na história anterior: o efeito chamado “quebra da quarta parede”. Da mesma forma que o trecho mostra o momento em que o sinalizador usa do recurso corporal e facial, para intensificar o sentimento ali empregado, no primeiro vídeo, ao iniciar a contação da história, o ator do segundo vídeo se depara com o seu figurino, e percebe que não é o que ele queria, pois a roupa é da “Chapeuzinho Vermelho”. Ao perceber o equívoco de, sendo homem, se vestir de “garota”, o ator entra em um diálogo com a produção, exigindo que seja trocada a sua fantasia pela do Lobo. Em um instante, como num “passe de mágica”, o figurino é trocado.



Imagem 3 – Print screen das cenas 1, 2 e 3 do vídeo Chapeuzinho Vermelho
Fonte: TV INES

Nas cenas 4, 5 e 6, podemos perceber o momento em que, após o início da história, ao conhecer a Chapeuzinho, o personagem do lobo percebe que a mesma é uma personagem surda e só usa LIBRAS. Assim, para expressar as questões de incomunicabilidade, da mesma forma que foi usado na cena anterior, o contador de história volta a usar o mesmo recurso facial, em conjunto com o corporal, direcionando-os de acordo com cada personagem e intensificando suas expressões, exageradamente, como uma forma de demonstrar sua insatisfação. Notamos também, na mesma cena 6, que o Lobo volta a chamar a atenção da produção do vídeo, pois segundo ele, não entendia nada que a personagem dizia. No entanto, o diretor logo chama sua atenção e o manda continuar a história, como um gesto de censura ao comportamento desviante do ator.



Imagem 4 – *Print screen* das cenas 4, 5 e 6 do vídeo Chapeuzinho Vermelho

Fonte: TV INES.

Já a cena 7 mostra o momento em que já, de volta ao parque onde se inicia a história, o contador de história usa o recurso de um final inesperado; assim, conta a última cena da piada, a qual de forma muito hilária, explica um desfecho surpresa para a piada, em que ao contrário de apenas uma vovozinha, nos deparamos com uma associação de vovozinhas surdas, mostrando neste momento que o riso é provocado pelo choque de expectativas; ou seja, pelo final inesperado, como traço importante no humor surdo.



Imagem 5 – Print screen da cena 7 do vídeo Chapeuzinho Vermelho
Fonte: TV INES

Percepções sobre o vídeo Chapeuzinho Vermelho

Nessa produção audiovisual, há um deslocamento entre a cena de conversa informal e a cenas da piada (gravada em estúdio), sugerindo ao leitor que no momento de contação da anedota inicia-se um jogo discursivo em que se suspende a linguagem habitual, a conversa cotidiana para a produção de uma narrativa ficcional.

A piada constitui-se numa paródia do clássico infantil “Chapeuzinho Vermelho”, ao reconstruir novas verdades a partir do conto infantil. Desse modo, o narrador se apropria de um modelo vigente, inserindo na sua composição o problema da dificuldade de comunicação entre surdos e ouvintes, ou seja, uma das experiências mais comuns vividas pela comunidade surda. Desse modo, expõe, por meio da paródia, problematizações culturais de sua época. De acordo com Maria Lúcia Aragão (1980), numa paródia, por meio de um jogo de espelhos, o escritor

usa de artifícios que possibilitam a retomada de uma narrativa como uma dissimulação, ou melhor, através do projeto de uma estilização paródica da ideologia de uma determinada época, reconduz o texto a uma crítica dessa ideologia. Fala do velho para falar do novo. Recua no tempo para deixar o tempo avançar (ARAGÃO, 1980, p. 22).

Nessa perspectiva, percebe-se que o leitor é chamado a participar como coautor ao acessar em sua mente, no ato da piada, a narrativa clássica “Chapeuzinho

Vermelho”. Na medida em que há uma desconstrução dos fatos – o lobo não consegue se comunicar com Chapeuzinho; o lobo chega à casa da vovozinha e se depara com uma associação de vovós surdas – tais subversões do enredo tradicional, produz o inesperado, a ruptura com a ordem oficial, gerando o riso.

A piada, portanto, insere como ponto de tensionamento, o ouvinte (na figura do lobo) deslocado em meio à incomunicabilidade com os surdos. Aqui, o efeito de humor é gerado pela inversão de papéis, pois o gesto social de “ficar perdido”, “não conseguir se comunicar”, comumente é atribuído aos surdos que não conseguem interagir na sociedade majoritariamente ouvinte. Eis que o riso surge como uma reação a esse tipo de comportamento deslocado vivido por muitos surdos, sendo experimentado pelo ouvinte.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo principal investigar os elementos discursivos, culturais e performáticos que produzem um efeito cômico responsável pela construção do humor em piadas em Libras, a partir da descrição e análise da piada “Chapeuzinho Vermelho”, presente no site da TV INES, no programa “Piadas em Libras”, em 2013.

Um primeiro aspecto observado foi a separação entre a conversa informal e o momento da contação da piada, isto é, a suspensão da linguagem convencional para produção de uma narrativa ficcional. A evidência de uma repetição do uso da paródia se revela no processo de remontagem, quer dizer, na reinvenção do conto “Chapeuzinho Vermelho”, a partir de acontecimentos cotidianos vivenciados pelos surdos.

Desse modo, percebemos que a piada promove uma inversão de comportamentos, ao colocar o lobo (ouvinte) em situação de constrangimento, por ele não conseguir se comunicar com Chapeuzinho (surda). O riso revela a percepção do leitor dos contrastes entre os conceitos e a vida real: fazer o ouvinte sentir “na pele” as dificuldades de comunicação vividas pelos surdos numa sociedade majoritariamente ouvinte. Nesse contexto, o riso acaba por evidenciar (para os ouvintes) que o direito à comunicação, essencial para o exercício da cidadania das pessoas surdas, tem sido negligenciado em nossa sociedade.

Cabe ressaltar, ainda, que no caso das narrativas em língua de sinais, o uso de elementos não manuais (expressões corporais e faciais), o uso de classificadores e a

criatividade na mudança de figurino para representar a mudança dos personagens são significativos para a produção do humor surdo.

Levando em consideração os dados discutidos até aqui, é possível afirmar que as piadas produzidas pela TV INES lançam mão da performance, da paródia e da ironia para produzir o riso. Este, contudo, vem acompanhado de uma descoberta, pois o leitor experimenta a sensação de desnudamento das mazelas que envolvem sujeitos surdos e ouvintes na sociedade. Nesse sentido, podemos afirmar que as piadas em Libras são criações literárias, na medida em que trazem uma carga de liberdade que as tornam independentes sob muitos aspectos, de tal maneira que a explicação dos seus produtos é encontrada sobretudo neles mesmos. Como conjunto de obras de arte a literatura se caracteriza

por essa liberdade extraordinária que transcende as nossas servidões. Mas na medida em que é um sistema de produtos que são também instrumentos de comunicação entre os homens, possui tantas ligações com a vida social, que vale a pena estudar a correspondência e a interação entre ambas (CANDIDO, 2000, p.163).

O leitor, portanto, ao assistir às piadas em Libras, é provocado ao exercício da leitura por meio de textos cujos efeitos de humor estabelecem relações com enunciados anteriores, marcados no conjunto da vida social. Sendo assim, o leitor, pela via do humor, vai alargando seu saber sobre os condicionamentos a que estamos sujeitos nas práticas construídas culturalmente.

Referências

- ARAGÃO, M. L. P. de. A paródia em A força do destino. **Revista Tempo Brasileiro**. n.62. p.18--28, jul.-set. Rio de Janeiro, 1980.
- CANDIDO, A. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3ª. edição. São Paulo: Ática, 2000.
- HALL, S. A centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, jul./dez. 1997
- MORGADO, M. Literatura em língua gestual. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia (Orgs). **Cultura Surda na**

Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações. 1. ed. Canoas: Editora da ULBRA, 2011.

ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVEIRA, C. H. **Literatura surda:** Análise da circulação de piadas clássicas em língua de sinais. 2015. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral.** São Paulo: Hucitec, 1997.